

Francisco Xavier Paz Garça

Ourense, Outubro de 1964

Secretário da Aula de Gaiteiros

Gomes Mouro é membro de grupo

Bate Certo.



Gaiteiro do retablo de Sta. María de Meiraos do Caurel. Portada do Anuario da Gaita 1988.



Gomes Mouro, gaiteiro em Ourense no século XV.

Seu resgatador, Ferro Couselo.

Francisco Xavier Paz Garça

Noventa anos após o seu nascimento em Valga reivindicamos as nossas letras homenageando dom Xesus Ferro Couselo. O seu conhecimento e domínio de múltiplos saberes converteu-no em indiscutível autoridade na investigação e elaboração histórica. A sua dimensão humana, cultural e científica pujo-a a serviço da recuperação da memória histórica de Galiza.

Contudo, as terras de Ourense -por palavras de Taboada Chivite- constituíram seu perene desacougo e tiveram nele um dos mais conscienciosos esculcadores da sua raigame e história.

Justa foi, pois, a incoação de expediente polo concelho da cidade para o seu reconhecimento como filho adoptivo de Ourense em 25 de Abril de

1975, como justa é a reivindicação na sua figura para a recuperação de âmbitos que lhe correspondem ao nosso idioma.

Precisamente à língua e ao acontecer do passado adicou Ferro Couselo grande parte do seu trabalho. Sobre a sua produção científica eleva-se a edição de numerosos documentos em galego dos séculos XIII ao XVI. Assim, em 1967 o Seminário de Estudos Históricos da Fundación Penzol dava a lume *"A vida e a fala dos devanceiros. Escolma de documentos en galego do século XIII ao XVI"*.

Nesta obra, Ferro Couselo selecciona e transcreve grande quantidade de documentos das terras de Ourense, fontes imprescindíveis para o estudo da Galiza medieval e do gale-

go nessa época.

Rraigame, atenta e fiel desde o seu nascimento ao mais graiado do nossa cultura, nom podia deixar passar esta celebração sem adicar as suas páginas ao reconhecimento e divulgação da obra de Ferro Couselo. Por isso, aproveitamos a palestra que se nos oferece para divulgar o documento transscrito em *A vida e a fala...* que regula o trabalho do gaiteiro Gomes Mouro a meados do século XV na cidade de Ourense.

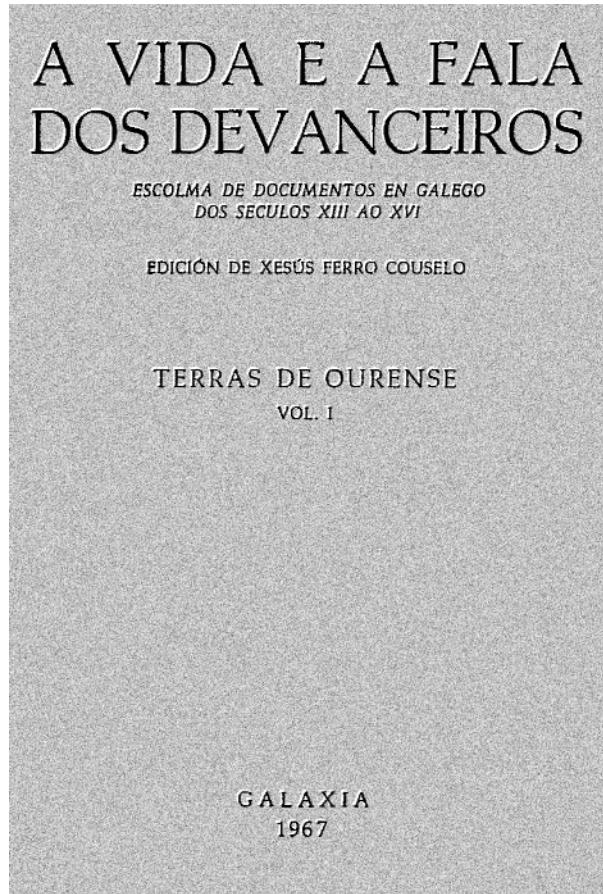
Ainda hoje, as fontes documentais para o estudo da história da gaita e a figura social do gaiteiro nem som tam numerosas como as iconográficas, nem têm suscitado análises pormenorizadas concordes com a sua importância.

1. Ferro Couselo, Xesus, *A vida e a fala dos devanceiros. Escolma de documentos en galego dos séculos XIII ao XVI*, 2 vol., Fundacion Penzol. Seminario de Estudios Históricos, Galaxia, Vigo, 1967.



Os nossos arquivos históricos mal-conservam milhares de documentos ainda por resgatar e estudar apesar de esforços generosos como o de Ferro Couselo. Neles guarda-se, portanto, grande parte da história da gaita e a figura do gaiteiro na Galiza. Este documentos som as mais importantes testemunhas do acontecer da Idade Média e desses Séculos Obscuros que nom os fôrom só para a língua, mas qualquer facto diferencial mesmo a gaita e o gaiteiro. Em quanto nom achar novos documentos, os que conhecemos apenas permitem espreitar a importância do gaiteiro na sociedade galega -urbana e rural- deste séculos.

Conhecemos alguns documentos como no que é citado o gaiteiro Johan Gonçalves e do que nos deu notícia Ramón de Arana. Neste, de 1374, o gaiteiro apenas é citado como testemunha num contrato de com-



Portada de "A vida e fala dos devanceiros".

pra do mosteiro de Monfero.

No ano 1418 -em 13 de Dezembro- segundo consta num documento guardado no arquivo da catedral de Tui, o cabido desta cidade fai um apeo em que, indirectamente aparece, mais umha vez, a figura do gaiteiro: "... Constança gayteira moller que ffoy de Martin Gayteyro morador que

foi ena vila de Ponte de Lima do Regno de Portugal..."

De 1458 é que data a avença ao gaiteiro Gomes Mouro². Trata-se do documento mais antigo conhecido que regulamenta a actividade profissional dum gaiteiro, os seus direitos e os deveres a cumprir. Com efeito, é na cidade de Ourense,

em 14 de Dezembro desse ano, que o Concelho da cidade fai "aviinça" com Gomes Mouro, por sua vida, estando obrigado a pagar dezaoito maravedis cada ano para poder desenvolver a sua actividade.

O documento pertence a *A vida e a fala...* no seu segundo tomo figurando com o número

². Gomes nom era apelido como hoje aparece. Trata-se dun nome muito abundante na onomástica medieval galega e ourensana em particular. O mesmo acontece com Garcia e Sueiro. A sua castelhanizaçom produz-se pola analogia com outros patronímicos como Lopes, Fernandes, Peres... Gomes sofreu castelhanizaçom e relegaçom a apelido sob a forma "Gomez". Desta deturpaçom apenas se puderom salvar os Bieites -frequentemente Vieites- Temes -castelhano Temez- talvez Flores -filho de Floro, salvaguardado pola confusom com o substantivo- e outros... mas a maioria dos nossos patronímicos seguirom o caminho da castelhanizaçom como Eanes-Yáñez, Gonçalves-González, Nunes (filho de Nuno) -Núñez, etc. Outros patronímicos sofrerom castelhanizaçom parcial: Vasques-Vazquez (castelhano Velázquez), Miguez-Miguel (castelhano Miguélez), Mendes-Mendez (castelhano Menéndez-Meléndez). Acerca substituiçom lingüística pode ver-se Como e por que os escribáns deixaron de empregar o galego, do próprio Ferro.

189. A seguir, reproduzimo-lo em *Raigame* para a sua divulgação e estudo.

**Aviinça de Gomes Mouro,
gayteyro, por sua vida,
cada ano, por XVIII
moravedís. Seu fiador
Payo Macho**

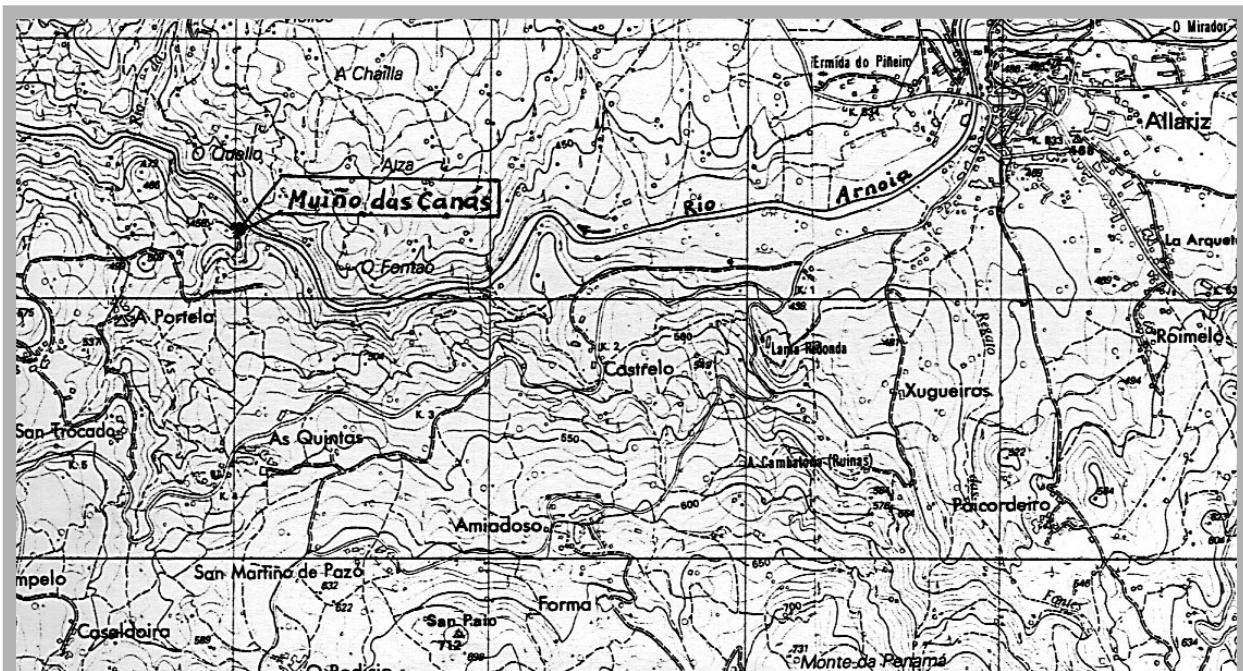
Ena çidade d'Ourense, des e sete dias do mes de desenbro, ano Domini M.^o CCCC L VIII anos, ena praça do Canpo³, estando y presentes Gonçaluo Lopes, Gonçaluo Peres de Reqeixo, juises da dita çidade, Vaasco Gomes, Johán Cortydo, Martín do Cabo, rejedores, Nuno d'Ousende, procurador do concello da dita çidade, en presenza, de min o notario et testemuyas de juso escriptas, outrosy estando y presente Gomes Mouro, gayteyro, logo os ditos juises et rejedores et procurador diseron que fasían aviinça et recebyan por vesño da dita çidade ao dito Gomes Mouro, gayteyro, por todo tempo de sua vida e que se byese morar á dita çibdade e que pagase de cada hun ano avynça ao dito concello des e oyto mrs de moeda vella, con-

tando branca en tres diñeyros, de cada bum ano, por cada dya de San Martyño, por sua vyda, e que fose en proueyto, fauor e onrra e ajuda do dito concello, e do al, que fose libre e quyto e eyento de todos e de caes quer pedidos e moedas e tales conçelláueles que se deytaran e derramaren ena dita çibdade, e gozase de todos los priuylejos, franquesas e liberdades que an e goçan os vysiños da dita çibdade, par'o qual os ditos juyses e rejedores e procurador diseron que obrigauan os bees do dito concello para le faser saan e de paz a dita avynça e para le non pasar contra elo para tempo de sua vyda. E o dito Gomes, gayteyro, diso que asy recibyia en sy feita a dita avynça dos ditos juyses e rejedores e procurador, et que se obrigaua de pagar de cada hun ano os ditos des e oyto mrs da dita avynça, por lo dito dia de San Martiño, e comprir e agoardar todas las couzas e condiçoens que en esta carta son contiundas e cada hua dellas; que obrigaua asy mesmo e a todos seus bens móvelles e rejeces, avydos e por aver. E quanquer das partes que contra esto for ou pasar e o non comprir e agoardar, que



peyte á parte agardante, por nome de pena, pustura e yntereñe, quynientos mrs de uoa moeda e á vos del Rey outros tantos, e, a dita pena pagada ou non, esta carta e as couzas en ela contiundas fyquen syrnes e vallan por tempo de vyda do dito Gomes, gayteyro. Feyta a carta ena dita çibdade d'Ourense, ano e dya e mes sobre ditos. Testigos que foron presentes: Johán de Meyjón frío, Ares de Monterroso, Loys García, Afonso Fernandes, mercadores. E de mays que daua pera elo consigo por fiador, deuedor principal, pagador, Afonso do Barral, alfayate, vesño da dita çibdade, que presente está. Et o dito Afonso do Barral, diso que asy se obrigaua por tal fiador do dito Gomes, gayteyro, que obriga sy e seus bees á dita fiadoría.

³. Hoje Praça Maior.



MAPA DA ZONA

Xoán Carlos Rivas Fernández

Ourense

Topógrafo Colexiado e Funcionario da Administración Local. Director do Museo Municipal de Ourense. Académico Correspondente da Real Academia Galega desde 1977. Membro do Instituto de Estudos Galegos "Padre Sarmiento" do C.S.I.C., na súa sección de Prehistoria e Arqueoloxía desde 1977. Membro da Xunta de Goberno

da Fundación "Otero Pedrayo" desde 1987. Vinculado ao Museo Arqueolóxico Provincial de Ourense desde tempos de Ferro Couselo, co que colaborou e chegou a ter grande amistade. É Membro titular do seu Grupo "Marcelo Macías", nomeado por Orde da antiga Dirección General de Bellas Artes en 1972. Ten publicados máis de sesenta traballos de investigación en diversos boletíns e revistas especializadas, así como comunicacóns en congresos, simpó-

sios, etc. Colabora a miúdo nalgúns xornais de Galicia, nos que xa publicou máis dun centenar de artigos sobre divulgación e defensa do patrimonio cultural ourensano e galego. Grande coñecedor das terras de Ourense, no seu haber ten importantes achados artísticos e arqueolóxicos, moitos deles doados ou xestionados para o Museo Arqueolóxico Provincial.